

Índice

A crise da liberdade	11
Poder inteligente	23
A toupeira e a serpente	27
Biopolítica	29
O dilema de Foucault	33
A cura como assassinato	39
<i>Shock</i>	43
O <i>Big Brother</i> amável	47
O capitalismo da emoção	51
A ludificação	59
<i>Big Data</i>	65
Para além do sujeito	85
Idiotismo	87

A CRISE DA LIBERDADE

A exploração da liberdade

A liberdade foi um episódio. “Episódio” significa “entreato”, “intervalo entre dois atos”. O sentimento de liberdade situa-se na transição de uma forma de vida para outra, até acabar por se revelar como uma forma de coação. À libertação segue-se, deste modo, uma nova submissão. É esse o destino do sujeito, que literalmente significa “estar submetido”.

Creemos hoje que não somos um sujeito submetido, mas um *projeto* livre, que se repõe em questão e reinventa constantemente. Esta passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. Ora, acontece que o próprio projeto se revela como uma figura de coação, ou até mesmo como uma *forma eficaz de subjetivação e de submissão*. O eu como projeto, que crê ter-se libertado das coações externas e das coerções alheias, submete-se a coações internas e a coerções próprias sob a forma de uma coação ao rendimento e à otimização.

Vivemos uma fase histórica particular em que a própria liberdade dá lugar a coações. A liberdade do *poder fazer* engendra até mais coações do que o *dever* disciplinar. O *dever* tem um limite. O *poder fazer*, pelo contrário, não tem limite algum. É por isso que a coação que provém do *poder fazer* é

limitada. Encontramo-nos, portanto, numa situação paradoxal. A liberdade é a contra-figura da coação. A liberdade, que deveria ser o contrário da coação, engendra coações. Patologias como a depressão e a síndrome de *burnout*¹ são a expressão de uma crise profunda da liberdade. São um indício mórbido de que hoje, através de diferentes vias, a liberdade se transforma em coação.

O sujeito do rendimento, que se pretende livre, é na realidade um escravo. É um *escravo absoluto*, na medida em que sem qualquer senhor se explora a si próprio de forma voluntária. Não tem diante de si um senhor que o obrigue a trabalhar. O sujeito do rendimento absolutiza a *vida sem mais e trabalha*. A vida sem mais e o trabalho são as duas faces de uma mesma moeda. A saúde representa o ideal da vida sem mais. A soberania é estranha ao escravo neoliberal, é-lhe estranha a própria liberdade do senhor que, segundo a dialética do senhor e do escravo de Hegel, não trabalha e *somente goza*. Esta *soberania do senhor* consiste em elevar-se acima da própria vida e chegar assim a aceitar a morte. Este *excesso*, esta forma de vida e de gozo, é estranho ao escravo trabalhador preocupado com a vida sem mais. Ao contrário da conclusão de Hegel, o trabalho não o torna livre. Continua a ser um escravo. O escravo de Hegel obriga o senhor a trabalhar também. A dialética do senhor e do escravo conduz à totalização do trabalho.

O sujeito neoliberal como empresário de si próprio não é capaz de estabelecer com os outros relações *livres de qualquer finalidade*. Entre empresários não surge uma amizade independente de quaisquer outros fins. E contudo, *ser livre* significa *estar entre amigos*. “Liberdade” e “amigo” têm a mesma raiz indo-europeia. A liberdade é, fundamentalmente, uma *palavra relacional*. Cada um de nós só se sente li-

1 Ou síndrome de esgotamento profissional. (N. T.)

vre numa relação conseguida, numa coexistência satisfatória. O isolamento total a que o regime liberal nos conduz não nos torna realmente livres. Neste sentido, põe-se-nos hoje a questão de sabermos se não deveríamos redefinir, reinventar a liberdade, para escaparmos à dialética fatal que a transforma em coação.

O neoliberalismo é um sistema muito eficaz, e de facto inteligente, de explorar a liberdade. Explora-se tudo o que pertence a práticas e formas de liberdade, como a emoção, o jogo e a comunicação. Explorar alguém contra a sua vontade não é eficaz. Na exploração de outrem, o produto final é parco. Só a exploração da liberdade gera o rendimento máximo.

Curiosamente, também Marx define a liberdade como uma relação lograda com o outro:

Só no interior da comunidade com os outros qualquer indivíduo tem os meios necessários para desenvolver os seus dons em todos os sentidos; portanto, só no interior da comunidade a liberdade pessoal é possível².

Por conseguinte, ser livre não significa outra coisa senão *realizarmo-nos mutuamente*. A liberdade é sinónimo de liberdade conseguida.

A liberdade individual representa para Marx uma astúcia, um engano do capital. A “livre concorrência”, que assenta na ideia da liberdade individual, é somente “a relação do capital consigo próprio enquanto outro capital, quer dizer o comportamento real do capital enquanto capital”³. O capital realiza a sua reprodução entrando em relação consigo próprio enquanto outro capital por intermédio da concorrência. O capital copula com o outro de si próprio através da mediação da

2 K. Marx e F. Engels, *Die deutsche Ideologie*, MEW, tomo 3, p. 74..

3 K. Marx, *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, MEW, tomo 42, p. 545.